

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 29 DE JUNHO DE 1856.

N. 29.

PARTE LITTERARIA.

Levantamento de Minas.

I.

Vamos hoje encetar um melhoramento litterario no nosso plano de redacção. Não hade ser somente o movimento noticioso da semana decorrida, que deverá occupar exclusivamente a nossa folha, uma parte de suas columnas vae consagrar-se a assumptos historicos, especialmente os aneddoticos e pittorescos. Estes assumptos serão ou de codices inéditos, ou de livros raros, como são raros quasi todos que se tem occupado das cousas do Brasil.

Começamos pelo capitulo XXXIII da VIDA DO PADRE BELCHIOR DE PONTES escripta pelo jesuita Manoel da Fonseca, edição de 1752.

« Sendo de ordinario as guerras civis o acoite, com que Deus castiga os povos, não será muito de estranhar que aos peccados dos moradores de Minas se attribuiam as guerras, que entre si tiveram; tão celebres e decantadas com o appellido de « levante dos Imbuabas contra os Paulistas ».

Havia dezannos que se tinham descoberto aquelles thesouros da natureza, e com a fama do ouro, tinha concorrido tanto povo, não só de S. Paulo, e de todo o Brasil, mas passando além do mar a noticia de tão precioso metal, se abalaram tambem os Europeos com tal empenho, que n'estes breves annos se achavam já n'aquelles até então incultos sertões, e só habitados de feras e gentios, grandes povoações de Portuguezes. Não havia entre elles lei, que os obrigasse a viver sujeitos, e só com uma livre escravidão se sujeitavam todos aos seus vicios.

Reinava entre tanta abundancia de ouro a luxuria, e estava estabelecida com lei, inviolavel pena de morte a todo aquelle, que, sem attenção ao máo estado do seu proximo se atrevesse a violar o thalamo da concubina, bastando para a execução de tão iniqua lei pequenos indícios; e quando o offendido se prezava de pio, chegava a condemnar a açoutes o transgressor, como se fora escravo, tendo a fortuna de escapar algum por justos respeitos. Acompanhavam a este monstro os continuos roubos, os homicidios, as injustiças, e finalmente tudo aquillo, que costuma haver n'aquelles lugares, onde ha falta de homens virtuosos, que com o seu exemplo excitam aos mais a viver como christãos, e o temor das justiças, que com castigo de-

terminado pelas leis obriguem, se não a obrar bem, ao menos a fugir do mal.

Não faltavam com tudo alguns poderosos, que, usurpando a jurisdicção, que não havia n'aquelles lugares, se intromettiam a fazer justiça, prendendo em um circulo, que com um bastão faziam ao redor do delinquente, impondo-lhe logo pena de morte, se sahisse d'elle, sem satisfazer á parte, que o accusava. A mesma pena se impunha muitas vezes aos devedores, para que pagassem: e se acaso entre o juiz e o réo haviam contas, esquecia-se o juiz da de diminuir, querendo receber por encheio o que lhe pertencia, reservando para a occasião de melhor commodo a satisfação do que lhe pediam de desconto; e o peor era, que d'estes juizes não havia appellação, ainda que havia tanto agravo. Eram os complices mais frequentes d'estes delictos os paulistas; porque como viviam abastados de indios, que tinham trazido do sertão, e de grande numero de escravos, que com o ouro tinham comprado, se fizeram notavelmente poderosos, chegando alguns a tanta soberania, que fallando com os forasteiros os tratavam por vós, como se fossem escravos; e por isso eram d'elles maiores as queixas, ainda que em grande parte nasciam dos mamelucos, que tinham em casa, sem que talvez chegassem á noticia dos amos os seus desmanchos.

Dava occasião a estes insultos o ordinario modo de viver d'aquelles tempos; porque como o intento de muitos, principalmente europeos, era adquirir n'aquelles lugares o que haviam de gastar nos povoados; entravam como Jacob peregrinos, e encostados a um bordão, o qual, ainda que lhes servisse para o allivio do corpo, de nada servia para a reputação da pessoa, a qual só pendia em tempos tão mal ordenados do estrondo das armas, e multidão dos pagens. Advertiram n'este descuido algumas pessoas, e entre ellas um religioso Trino, cujo solar era a illustrissima casa de Aguas Bellas, e condoidos dos muitos agravos, com que viam ultrajados muitos homens de bem, começaram a persuadir aos sujeitos, que tomavam o officio de conduzir escravos, que d'alli por diante entrassem com elles armados; para que, indicando o lustroso das armas, o esplendor da pessoa, se evitassem os desatinos, que sem remedio tanto se lamentavam. Como esta doutrina se fundava na experiencia, pois se tinham por grandes e de respeito, os que tinham quem os fizesse respeitados, começaram d'alli por diante a entrar armados, e a fazer-se poderosos, adquirindo com os cabedaes o respeito, de que tanto necessitavam.

N'este miseravel estado se achavam aquellas po-

voações, vivendo todos misturados, mas desunidos; e querendo Deos castigal-os, permittiu que no arraial do Rio das Mortes, matasse um paulista a um forasteiro, que vivia de uma pobre agencia. Como os animos estavam tão mal dispostos, e eram continuos os aggravos que recebiam os forasteiros, determinaram unidos vingar com o titulo do morto as proprias injurias; e ainda que com diligencia procuraram ao matador, com tudo elle, ou estimulado da propria consciencia, ou porque o reservava o céo para algum destino de altissima providencia, se ausentou com tal pressa, que o não puderam alcançar. A este, ao parecer, pequeno accidente se ajuntou outro, com o qual se perturbaram as Minas; porque estando no adro da igreja do arraial do Caeté, Jeronymo Pedrozo e Julio Cezar, naturaes de S. Paulo, succedeu passar acaso um forasteiro com uma clavina, e querendo elles tomar-lh'a, o descompuzeram, brotando n'aquellas palavras, que subministra a cholera falta de razão.

Bem sei que o auctor da *America Portuguesa*, informado deste caso, escreveu que elles a queriam furtar: mas eu não me atrevo a pôr este labéo em sujeitos, a quem o nascimento deu mais altos brios. Bem pôde ser que na casa de algum d'elles faltasse alguma clavina, que fosse em tudo semelhante, e que o forasteiro a comprasse ao mesmo que a furtou: mas de qualquer sorte que fosse o caso, o certo é, que estando presente áquelle acto Manoel Nunes Vianna, forasteiro poderoso, e conhecendo a innocencia do injuriado, lhes estranhou o meio e o modo, com que queriam haver a arma. Como estavam alterados os animos, seguiram-se os desafios de parte a parte, ainda que por então com alguns pretextos se tornaram a regeitar pelos dous aggressores. Mas como ficou mal apagada aquella faísca, começaram os dous a ajuntar armas, e a convidar os parentes, para que com novo desafio satisfizessem a cholera e ao dezar, com que no seu parecer tinham ficado.

Fez-se esta junta com tão pouco segredo, que chegou logo á noticia dos forasteiros, que habitavam os arraiaes do Caeté, Sabarabucú, e Rio das Velhas, os quaes julgando a offensa de Manoel Nunes Vianna, a quem tinham por protector, como injuria commum, e suppondo que com a sua vida perigava a de todos, caminharam a soccorrel-o armados, e dispostos para qualquer assalto; e bastando esta determinação, para que os contrarios mudassem de opinião, e mandassem dizer a Manoel Nunes Vianna, que queriam viver em paz, e boa correspondencia com os forasteiros; com tudo, passados poucos dias, um novo accidente os tornou a perturbar de sorte, que nunca mais se uniram; porque matando um mameluco a um forasteiro, que vivia com a agencia de uma taberna, se acoutou na casa de José Pardo, paulista de respeito, e poderoso, o qual ainda que teve lugar para dar fuga ao matador, não pôde socegar a furia dos que o buscavam enfurecidos, que não attendendo, nem ás razões, com que os quiz persuadir que não estava em sua casa o matador, nem á lembrança da concordia pactuada n'aquelles dias, lhe tiraram a vida.

Com este máo successo se tornaram a unir os paulistas, ajuntando armas, escravos, e parentes; e feita uma assembléa pelos fins do mez de novembro de 1708, se espalhou uma voz, a qual affirmava

que n'ella se tinha determinado passar a ferro em o dia 15 de janeiro do anno seguinte a todos os forasteiros, que vivessem em qualquer arraial pertencente ás Minas. Apenas correu essa voz, quando os moradores do Caeté, Sabarabucú, e Rio das Velhas, sem mais averiguação da verdade, fundados sómente nos desastres passados; se uniram entre si, e buscando a Manoel Nunes Vianna o elegeram por governador de todas as Minas, em quanto Sua Magestade não mandava sujeito que exercesse aquelle cargo. Aceitou elle o posto, e não tardaram enviados das Minas Geraes, Ouro Preto, e Rio das Mortes, os quaes saudando-o com o mesmo appellido de governador, lhe pediram soccorro; porque naquellas partes se achava com muitas forças o partido dos paulistas, e não deixavam de executar as mesmas insolencias, com que até então tinham vivido.

Partiu logo para as Minas Geraes o novo governador, e com a sua chegada pôz em segurança aquelle partido: mas tendo noticia que no Rio das Mortes eram continuos os insultos, por viverem n'aquelle arraial poderosos paulistas, e que os forasteiros tinham chegado já quasi á ultima miseria, estando reduzidos a um pequeno reducto da fachina e terra, que para sua defesa tinham fabricado, lhes enviou a Bento de Amaral Coutinho, natural do Rio de Janeiro, com mais de mil homens valentes e bem armados. Executou elle a ordem, e bastou chegar ao Rio das Mortes, para que ficassem livres do perigo aquelles miseraveis. Aquartelou-se no mesmo lugar com a gente que levava, e tendo noticia que pelos lugares vizinhos vagueavam alguns paulistas com animo de vingança, fez diligencia para colhel-os, ainda que sem effeito, porque elles a toda a pressa se retiraram para S. Paulo.

Sabendo porém que em distancia de cinco leguas se achava um numeroso troço de paulistas destimidos e bem armados, mandou contra elles um destacamento de muitos homens, á obediencia do capitão Thomaz Ribeiro Corso, o qual ainda que chegou á vêl-os, com tudo receando o cho que, por julgar o partido contrario com poder superior ao seu, voltou a dar conta a Bento de Amaral. Era este sujeito pouco sofrido e cheio de cholera; partiu logo a buscá-los. Divertiam-se elles n'aquella occasião com o exercicio da caça em uma dilatada campina, que cercava um capão, ou pequena mata, onde tinham os seus alojamentos, e suppondo que o cabo era o mesmo Amaral, a quem elles conheciam por bravo e cruel, se retiraram á mata com animo de resistirem á furia dos forasteiros, que os buscavam.

Tanto que estes os viram recolhidos, cercaram a mata: mas foram recebidos com uma descarga das clavinas, que empregando a sua violencia nos sitiadores, mataram logo um valente negro, e a muitas pessoas principaes deixaram feridas. Como os forasteiros os não podiam offender, e só pretendiam tirar-lhes as armas, e não as vidas, persistiram no cerco uma noite e um dia, despachando logo para o arraial os feridos para serem curados. No dia seguinte mandaram os cercados um bolatim com bandeira branca, pedindo bom quartel e prometendo entregar as armas. Concedeu-lhes Bento de Amaral o que pediam, mas faltando como perfido e cruel, tanto que os vio sem armas, deu ordem em altas vozes, para que os matassem; e sem

mais conselho, acompanhado dos escravos e animos mais vis d'aquelle exercito, ainda que com pena, e reprehensão das pessoas de maior supposição e qualidades, que n'elle se achavam, fez um tal estrago n'aquelles miseraveis; que deixando o campo coberto de mortos e feridos, foi causa de que ainda hoje se conserve a memoria de tanta tyrannia, impondo áquelle lugar o infame titulo de Capão da traição.

Governava n'esse tempo a praça do Rio de Janeiro D. Fernando Martins Mascarenhas de Alencastro, o qual tendo noticia dos disturbios das Minas, determinou ir em pessoa socegar-os, elegendo para sua guarda quatro companhias pagas. Chegou ao Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas; e como n'esse tempo se mostrasse inclinado ao partido dos paulistas, tratando mal aos forasteiros, deram elles logo aviso aos outros arraiaes, dizendo que o novo governador carregado de correntes e algemas vinha a castigal-os, provando o seu pensamento com as companhias, que para sua guarda tinha levado. Alteraram-se tanto com estas vozes os forasteiros, que unidos buscaram a Manoel Nunes Vianna, para se opporem á entrada do seu legitimo governador. Com esta determinação foram esperal-o ao Sitio das Congonhas, distante do Ouro Preto quatro leguas, e avistando a casa, onde estava, se lhe apresentaram em um alto em fórma de batalha, pondo a infantaria no centro e a cavallaria nos lados.

Tanto que os viu D. Fernando, despachou um capitão de infantaria com algumas pessoas mais, para que soubessem de Manoel Nunes Vianna, que capitaneava o exercito, qual era o intento d'aquella acção. Recebeu Manoel Nunes o enviado, e depois de ter com elle algumas conferencias, foi, acompanhado de alguns homens do seu partido, fallar a D. Fernando; e estendendo-se a pratica a uma larga hora, voltou para o posto, que tinha deixado. Desta conferencia se seguiu dar volta ao Rio de Janeiro D. Fernando; e Manoel Nunes continuando com o seu governo creou os ministros e officiaes, que julgou necessarios para o exercicio das armas e justicas. Mas julgando os homens de maior capacidade que aquelle governo não era seguro, nem podia durar muito, enviaram a fr. Miguel Ribeira, religioso de Nossa Senhora das Mercês, com cartas para Antonio de Albuquerque Coelho, que tinha chegado de Lisboa com o governo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe que os fosse governar e pôr em paz. Em quanto elle faz a sua viagem, demos uma volta a S. Paulo, para darmos noticia do que lá se obrava.

Instrucção publica.

I.

Não ha muito tempo escreviamos, que a mais urgente, a mais imperiosa necessidade, que se reclama da nova organização administrativa do Brasil era inquestionavelmente a instrucção popular; e que esta necessidade tomava diariamente o vulto de uma questão altamente nacional. O que então proferimos como uma verdade é hoje para nós um aphorismo, em vista da indifferença com que se

tem olhado para este ramo do serviço publico, não obstante os esforços e a alta illustração da pessoa que na côrte dirige essa repartição, que deveria ser um ministerio.

De que provirá mais esta decepção por que está passando o publico, não vendo realizadas as promessas exaradas na ultima reforma?

Provém especialmente da falta de pessoal, das poucas vantagens e da depreciação em que sempre esteve e ainda se acha a profissão do magisterio, e sobretudo provém da coacção legal, em que se acha o inspector geral, por isso mesmo que depende immediatamente de um ministerio, que pessoalmente tem representado a inercia.

Quando consagrarmos algumas columnas da nossa folha ao estudo do respectivo relatorio abundaremos n'esta opinião: agora vamo-nos apenas circumscrever á noticia do relatorio do Sr. Dr. Abilio Cesar Borges, inspector geral da instrucção publica na provincia da Bahia.

No anno de 1855 existiram 195 aulas publicas de ensino primario, a saber: 166 para o sexo masculino e 29 para o feminino: aquellas frequentadas por 6,364 alumnos, e estas por 1,318 alumnas prefazendo todos a somma de 7,682 individuos, que se aproveitaram da instrucção primaria gratuitamente fornecida. No anno de 1854 foram ao todo frequentadas por 1,651 alumnos, havendo por consequencia a differença de 1,531. Calculando-se o ensino primario das aulas particulares, temos a somma de 10,213 individuos, cursando a instrucção primaria, o que, embora seja uma cifra insignificante em relação á população da provincia é contudo já bastante animadora em relação á frequencia dos annos anteriores.

A eschola normal foi frequentada por 62 alumnos e por 16 alumnas. As aulas de instrucção secundaria no numero de 15 foram frequentadas por 277, as particulares no numero de 32 por 626: temos por consequencia estas cifras com a de 175 respectivamente aos alumnos do lyceo, montando á somma de 1,121 individuos, aproveitando-se da instrucção secundaria publica e particularmente dada na provincia, no anno de 1855.

Presentemente existem na provincia 216 cadeiras de ensino primario, 186 para o sexo masculino e 31 para o feminino; e 14 de instrucção secundaria: d'aquellas acham-se vagas 17 e d'estas 2.

Taes são os dados estatisticos, que podemos superficialmente colher na leitura do bem traçado relatorio do Sr. Dr. Abilio. Agora vamos transcrever em nossas columnas algumas de suas considerações, que, ao mesmo tempo que revelam o dis-

tineto talento de seu auctor, revelam a uniformidade de opinião sobre os pontos capitaes da verdadeira reforma da instrucção publica, ainda até hoje não comprehendida pelos governos.

O Sr. Dr. Abilio Cesar Borges comprehende, como nós comprehendemos e como já temos escripto, que não póde haver reforma salutar possível, sem a nobilitação do professorado, edificios apropriados para os exercicios escolares, ensino primario obrigatorio, e publicação e vulgarisação de livros e compendios apropriados á infancia.

Vamos transcrever as proprias palavras do Sr. Dr. Abilio a respeito da instrucção primaria em geral. Proseguiremos nas transcripções do que julgamos doutrina commum e geral, applicavel a todas as localidades, e a todo o pessoal.

«Hoje que a instrucção do povo é geralmente considerada uma questão de vital interesse para os estados; hoje que está fóra de toda a duvida a magna importancia d'ella affim de que a industria, de qualquer natureza, possa convenientemente prosperar e desenvolver-se; hoje que em seu favor hão-se altamente pronunciado todas as nações do mundo civilisado, animando-a e melhorando-a com reformas efficazes; não seremos nós, por certo, os bahianos, que sempre nos hemos distinguido por nosso ardor na carreira das lettras, que nos deixaremos ficar estacionarios, quando todos marcham para diante;—não seremos nós que cerraremos ouvidos ao imperioso reclamo que n'este sentido faz a opinião publica da provincia, denegando-lhe as reformas urgentes de que é carecedora a instrucção primaria.—Foram estes sempre os votos dos meus illustrados antecessores, que muito me comprazo de seguir e sustentar.

E n'este ponto, cumpre confessal-o, não obstante os bons desejos de alguns administradores que temos tido, e das sempre patrioticas disposições da nossa assembléa provincial, bem pouco havemos alcançado até o presente, por quanto, fallando em these, a classe do nosso professorado primario é má, e em muita parte pessima; e não temos escolas regulares e bem montadas.

E qual a razão de não haver entre nós a instrucção primaria attingido o gráo de progresso e melhoramento de que tão credora é esta provincia?—É a falta de leis taes, que regulando judiciosamente o ensino, estabelecessem remunerações e garantias ao magisterio, capazes de convidar para elle pessoas intelligentes e habilitadas, que o acreditassem e honrassem; de leis que prescrevessem meios coercitivos sufficientes para chamar os pro-

fessores descuidados e frouxos, ao exacto cumprimento de suas obrigações,—que promovessem a aquisição de edificios apropriados para as escolas,—que obrigassem os pais e tutores a darem a seus filhos e pupillos um certo gráo de instrucção,—e que animassem em fim a publicação de compendios adaptados ao tirocinio das primeiras lettras, e de livros ao alcance da comprehensão popular.

Deve pois, no meu humilde entender, partir qualquer reforma que houvermos de emprender, da instrucção publica, reforma para a qual vejo dispostos da melhor vontade os nossos bons espiritos, de quatro pontos principaes:—rehabilitação completa, ou regeneração da classe do professorado—edificação de casas para as escolas—ensino obrigatorio—publicação de livros e compendios accomodados á infancia e ao povo.

São pois estes quatro pontos que, como estiver em mim, desenvolverei nas paginas seguintes.—Aham-se elles em tão estreita liga e reciproca dependencia que, pouco valendo separadamente, reunidos são de valor immenso.—E na verdade, que valeriam bons professores sem boas escolas, e boas escolas sem discipulos, e vice-versa?—E tudo isto sem bons livros?»

No immediato numero acompanharemos o illustrado inspector nas suas considerações sobre o professorado.

R. D'A.

A propriedade territorial.

Extrahimos de uma obra recente do celebre publicista Mr. Guizot a seguinte passagem, que offerecerá largas considerações ao espirito de um justo observador.

«A propriedade dos bens moveis, o capital, póde dar ao homem riqueza. A propriedade territorial, a terra da-lhe mais alguma cousa. Da-lhe uma parte no dominio do mundo. Une a sua vida á vida de toda a creação. A riqueza dos bens moveis é um instrumento á disposição dos homens, que serve para lhes satisfazer as necessidades, os prazeres e as vontades. A propriedade territorial é o estabelecimento do homem no centro, e ao de cima da natureza. Além das necessidades, dos prazeres e das vontades, satisfaz-lhe igualmente uma multidão de inclinações diversas e profundas. Cria para a familia a patria domestica com todas as sympathias que a fazem deliciosa no presente, e com todas as perspectivas que deixa antever para o futuro.

Ao mesmo passo que corresponde tão completamente á natureza do homem, a propriedade territorial, que lhe colloca a vida e actividade na situação a mais moral, o contém com mais segurança no justo sentimento do que é, e do que pode. Em quasi todas as outras profissões, industriaes, commerciaes e scientificas, o resultado depende ou parece depender unicamente do homem, da sua habilidade, da sua aptidão, da sua providencia e da sua vigilancia. Na vida do campo o homem está continuamente na presença de Deos e do seu poder. Como n'outra qualquer parte, a actividade, a providencia, e a vigilancia são necessarias ao homem para o bom exito do seu trabalho. Mas ali são tão manifestamente insufficientes como necessarias. Deos é que dispõe das estações, da temperatura, do sol, da chuva, e de todos os phenomenos da natureza, que decidem a sorte dos trabalhos do homem na terra que cultiva. Não ha orgulho que resista, nem habilidade que escape a esta dependencia. Não tira só d'aqui o homem um sentimento de modestia a respeito do que póde no seu proprio destino, aprende ao mesmo tempo a ser tranquillo e soffredor.

Nunca poderá persuadir-se que á força de invenções e tentativas, e ainda que corra sem descanço atraz do resultado, possa sempre alcançá-lo. Depois de esgotados todos os seus esforços para fecundar e explorar a terra, necessita esperar e resignar-se. Quanto mais se profunda a situação que dão ao homem a propriedade e a vida do campo, tanto mais conhece quão salutaes para a sua razão e para a disposição moral são as lições que elle ali recebe.

Os homens não percebem estes factos, mas tem d'elles um sentimento instinctivo, contribue poderosamente para produzir o particular apreço que fazem da propriedade territorial, e da preponderancia que para ella se alcança. Esta preponderancia é um facto natural, legitimo e salutar, que a sociedade inteira tem um grande interesse em reconhecer e respeitar, especialmente n'um grande paiz.

O que acabo de estabelecer na esphera da propriedade, tem igual applicação na esphera do trabalho. Constitue a gloria e a civilização moderna o ter ella comprehendido e patenteado o valor moral, e a importancia social do trabalho, e de lhe ter restituído a estima e o lugar que lhe pertenciam. Se tivesse a indagar qual era o mais profundo mal, o mais funesto vicio d'essa antiga sociedade que dominou a França até ao XVI seculo, diria sem hesitação que foi o desprezo do trabalho. O des-

prezo do trabalho, o orgulho da ociosidade, são signaes certos de que a sociedade existe sob o imperio da força bruta, ou que vai em decadencia. O trabalho é a lei que Deos impôz ao homem. Por meio do trabalho o homem desenvolve e aperfeiçoa todas as cousas que o cercam, e desenvolve-se e aperfeiçoa-se a si proprio. O trabalho tem-se tornado, entre as nações, a mais segura garantia da paz. O respeito e a liberdade do trabalho, apesar de tantos motivos de inquietação, é quem nos póde ainda fazer ter muitas esperanças no futuro das sociedades humanas.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Londres.

CARTA I.

Importantissimo se tem ultimamente tornado o movimento bibliographico d'esta immensa capital, figurando n'elle em grande parte a riqueza que lhe resulta do meritorio trabalho das boas traducções, e apontarei como recente acontecimento litterario a optima versão dos lyricos allemães. Occupar-me-hei hoje em primeiro lugar de tres obras serias, procedentes de igual origem, duas das quaes enriqueceriam seguramente o peculio scientifico de qualquer paiz. Dando-lhe a preferencia, não faço mais do que reservar-lhe o lugar que de direito compete aos hospedes. O gosto pelos estudos profundos propaga-se, cada vez mais n'aquelle paiz. Um editor de Leipzig, M. Hirzel, que se distingue pela sua actividade e pela escolha das suas publicações, deu á estampa ultimamente uma *Historia da Logica no Occidente* (1) por M. Charles Prantl professor na universidade de Munich, e a *Philosophia do Christianismo*, por M. Christian Weisse (2).

A historia philosophica de M. Prantl é fructo d'um trabalho indefesso na investigação dos insufficientes recursos que fornecem os escriptores que o precederam. Appreciar o que foi a arte de pensar entre os Eleatas, entre os Megarios, na escola de Socrates e de seus gloriosos successores; descobrir com a luz da critica as phases de progresso e decadencia porque tem passado a logica no occidente desde Parménides e Zenon até Kant e Hegel, eis a

(1) *Deschichte der Logik im Abendland* von Carl Prantl; 1.^o V. Leipzig 1856.

(2) *Philosophische Dogmatik oder Philosophie des Christenthums*, von. Ch. Weisse; 1.^o vol. Leipzig 1855 Hirzel.

laboriosa tarefa que se impoz o erudito allemão. Compreheo o primeiro volume, toda a philosophia antiga e fica no limiar da idade media com Boecio. O segundo que não deve tardar a apparecer abrangerá a scolastica e a philosophia moderna. Notam-se no trabalho de M. Prantt vistas engenhosas e secundadas. Comtudo nem sempre a propria logica que lhe servio de assumpto é respeitada na exposição e decurso da obra allemã, mas em todo o caso é um manual indispensavel para quem houver de tratar da arte de philosophar entre os antigos. É tal porém a abundancia de materiaes e o cerrado das formulas, que a intelligencia tem de pôr de parte a imaginação durante a sua leitura, por não haver ali uma unica aragem benefica que a lisongeie.

A *Philosophia da Revelação* de Shelling e quantos trabalhos haviam precedido e succederam naquella paiz ás eruditas investigações do eminente philosopho, não dispensavam a ulterior applicação de novos esforços ao relevantissimo serviço de harmonisar com a suprema luz da philosophia christã, a consideravel claridade que a sciencia actual está já hoje derramando. O trabalho de M. Weisse, que acima deixo indicado, occupa um lugar distincto entre os mais serios deste seculo.

Vou dar-vos conhecimento de outro livro muito mais em harmonia com as propensões litterarias do nosso tempo. É a *correspondencia pratica* de Henrique Clay, de New-York. Abrange esta correspondencia meio seculo e toca em notaveis topicos de interesse publico; discute a politica da França, da Inglaterra, da Peninsula, da Allemanha, da Turquia, da America do Norte e do Sul. A conspiração de Burr, o chamado bloqueio das ilhas Britannicas, por Bonaparte, a ultima guerra americana, a entrada dos alliados em Pariz, a paz geral, a insurreição grega, a elevação ao throno do imperador Nicolau; eis alguns dos successos tratados nas ultimas epistolas com aquella familiaridade que um homem publico tem com os negocios e acontecimentos que occupam mais de perto a attenção dos estadistas. Napoleão, Lafayette, Castlereagle, Canning, Nicolau e Metternich são alguns dos nomes mais conspicuos de que se occupa o publicista americano; mas a correspondencia não deixa de penetrar não menos no interior da vida politica da America, illustrando com minuciosos promenores as qualidades pessoas de Clay, e expondo muitas opiniões curiosas relativas ao que se póde denominar a questão da politica permanente entre o velho e o novo mundo.

Na vida e tempo de *Henrique Clay* (*Life and time of Henry Clay*) publicada em 1846 e com um capi-

tulo suplementar em 1854, o editor M. Calvin Catton já tinha traçado um retrato completo do estadista americano. Para os leitores europeus as opiniões de um eminente homem de estado d'aquella parte do novo mundo desassombradamente exprimidas á cerca dos interesses e difficuldades da Europa, offerece um estudo interessante e original. É preciso advertir que as circunstancias da vida do auctor o levaram a achar-se varias vezes em contacto com os politicos do velho continente. Foi ministro plenipotenciario, deputado em 1814 para negociar o tratado de paz com a Gran-Bretanha. Participou officialmente nos debates que se agitaram á cerca da independencia da Grecia. Attribuem-lhe os homens do seu partido ter evitado uma guerra com a França em 1835. Andou de perto em 1850 nas complicações com Portugal e o resultado dos seus estudos e da sua experiencia parecem haver sido suspeitos de sympathia com a politica ingleza e d'algumas vagas confidencias em relação á Russia.

É um trabalho interessante e que lança muita luz nos principaes acontecimentos do mundo contemporaneo. Biographias e capitulos de historia não bastam; está hoje reconhecido geralmente que só de memorias e correspondencias da natureza d'esta a que me refiro, se podem colher cabaes informações.

Dos productos que o nosso mercado litterario offerece esta semana ao consumo publico distingue-se indubitavelmente um livro que em toda a parte é bom, apezar das suas pequenas dimensões. Effectivamente M. George Wyld publicando o seu opusculo sobre a *acquisição e conservação da saude* faz um grande serviço ás classes operarias.

Os preceitos hygienicos por aquellas poucas paginas diffundidos, são despidos da linguagem technica que as mais das vezes os torna enigmaticos. A instrução das classes menos esclarecidas deve fazer-se assim. Não falta em todas as linguas tratados mais ou menos populares, mais ou menos completos; mas o livrinho do Sr. Wyld poderia ser importado em qualquer paiz com summa vantagem.

Por hoje basta de noticiario bibliographico; para outro correio direi mais.

JORGE TOMPSON.

VARIEDADE.

Fraternidade militar.

Poder-se-iam fazer volumes inteiros com os episodios occorridos nas lutas gigantescas da guerra

da Criméa. Eis aqui uma anedocta, por ora inédita, e que os nossos leitores lerão com interesse.

Klein, natural da Alsacia, era cabo de esquadra n'um regimento dos Zuavos. Na batalha de Alma recebera quasi ao mesmo tempo uma bala na perna, um estilhaço de bomba na cabeça, e uma segunda bala que lhe havia atravessado as faces de lado a lado, levando-lhe na passagem quatorze dentes e metade da lingua. Um cirurgião seu compatriota dizia elle, lhe havia recortado tão dextra-mente as extremidades da metade respectada pelo projectil russo, que podia articular mui soffrivelmente.

Depois d'este triplice baptismo de fogo, o cabo de esquadra Klein cahira sobre o campo da batalha, por entre os mortos e os moribundos amigos ou inimigos. Ahi permaneceu pelo espaço de vinte e quatro horas, e só no dia que se seguiu á batalha, é que alguns marinheiros inglezes o tiraram d'entre os cadaveres, tendo-se apercebido, por um acaso, que ainda tinha restos de vida. Vinte e quatro horas, das quaes uma noite inteira, no meio do sombrio silencio da morte e dos arrancos da agonia !

Que horrivel situação, sobretudo para o cabo Klein, que não podia fallar, e que vio mais de uma vez os seus camaradas passarem junto d'elle, sem ser-reconhecido, porque o seu rosto estava inundado de sangue ; sem que lhes viesse á idéa que ainda estaria vivo, pois que, apesar de todos os seus esforços, nenhum som podia sahir de sua boca mutilada.

Junto ao cabo Klein estava estendido um granadeiro russo gravemente ferido. Este infeliz, depois de ter permanecido algum tempo n'uma completa immobilitade, começou de repente a agitar-se com violencia, esforçando-se para se erguer, como se quizesse procurar alguma cousa. Klein teve ao principio a idéa de que o soldado russo queria lançar mão de uma arma a fim de lhe descarregar o golpe mortal ; porem repellio bem depressa este máo pensamento, porque comprehendeu, que no campo commum dos soffrimentos cessa todo o odio nacional.

Todavia ia seguindo os movimentos do moscovita, o qual conseguiu finalmente arregaçar a calça acima do joelho, retirando da liga uma especie de bolsa de couro preza com uma pequena correia. Cançado pelos esforços que acabava de empregar, este homem permaneceu por um momento immovel, estendeo d'ahi a pouco o braço, e offereceu ao zuavo a bolsa, acompanhando este actó de um

olhar que parecia querer dizer : « Vou morrer d'aqui a pouco ; eis tudo o que possuo ; sê o meu herdeiro, tu que o destino das batalhas fez cahir ao meu lado. » A bolsa continha o valor de uns quarenta soldos em moeda russa.

Foi assim que o cabo de esquadra Klein soube que os soldados do czar põem a sua bolsa, o seu *Mahomed* (como dizem os Zuavos), acima da barriga da perna em forma de liga. No dia seguinte, o sol veio esclarecer o campo da batalha d'Alma. O cabo, no meio dos seus soffrimentos, pensara muitas vezes no granadeiro russo, e em muitas occasiões julgara tel-o visto agitar-se na obscuridade. Procurou-o com a vista, e vio que os seus soffrimentos estavam acabados : a sua physionomia energica, ennobrecida ainda pela boa acção que nos seus ultimos instantes pozera em pratica, annunciava pela rigidez das feições de um colorido cadaverico, que a vida o abandonára algumas horas antes.

O bom alsaciano a esta vista sentio humedecerem-se-lhe os olhos ; jurou que conservaria sempre no fundo do coração a lembrança d'este desconhecido amigo que encontrára ás portas da morte. Ha pouco ainda, o bravo Klein, de regresso para a Africa, onde escoltara alguns archeologos em commissão, contando-lhes esta anedocta, que um d'elles dirigio á *Assemblée Nacional* recordava-se, não sem commoção, do episodio do granadeiro russo, e mostrava aos ouvintes igualmente enterrecidos os kopecks que herdara em Alma.

REVISTA THEATRAL.

Theatro lyrico.

I.

Teve finalmente lugar a estréa do Sr. Tamberlik ; e sentimos dizer que o seu resultado não correspondeu á expectativa publica. O Sr. Tamberlik canta com profeciencia, com gosto mesmo, com muita consciencia do espirito dramatico ; mas o timbre de sua voz resente-se de um não sei que de nasal, é mui pouco volumosa ; e no todo não impressiona, nem tão pouco arrebatá, como havia direito a esperar do seu nome tão famoso e tão conceituado.

As duas notas chamadas—dó do peito—essas sim arrebataram e electrizarão o auditorio, que o cobriu de applausos, tendo as honras do *bis* : no mais não causou *furor*, como julgamos se diz em linguagem de diletanti.

As honras da noite pertenceram incontestavelmente á Sra. La-Grua, que cantou com muito primor, e com um sentimento e compenetrção, que chegou a arrebatá.

O mais da opera foi miseravel em toda a exten-
ção da palavra. O Sr. Walter ainda não passou do
Nabucodonosor : o Sr. Sicuro immortalisou-se no
templo... das bagatellas: a directoria, essa está
inchada como a rã da fabula, ou estonteada, por-
que a sua ultima taboa de salvação quasi a vê esca-
par-se-lhe das mãos.

Dissemos e repetimos: o theatro lyrico tem ca-
veira de barro nos seus alicerces; e sejam quaes
forem as enovações e alterações que lhe façam,
hade sempre resentir-se d'essa infeliz administra-
ção, que só tem em mira um salvaterio indi-
vidual.

Segundo se esperava, mas não era prudente
acreditar, a famosa directoria conseguiu levantar
os preços, e isto de uma maneira escandalosa, e
inconveniente.

Dissemos que se esperava, porque ha certa gen-
te predestinada, que pelos canaes do Deos-empe-
nho, chegam a conseguir tudo que pretendem;
dissemos que não era prudente acreditar um tal
resultado, porque o governo não devia annuir á
exigencia d'uma directoria, que em cousa alguma
tem cumprido os seus compromissos, que a elles
tem faltado com um cynismo revoltante, que por
fim ameaça com a banca rota, depois de ter assado
a sua sardinha, que em fim quer que o publico
pague as suas loucuras administrativas, e os seus
esbanjamentos no contracto da Stefanoni; e na
acceptação dos contractos da Dejean e Tamberlik.

O saque está dado; mas não haverá um repre-
sentante da nação, que peça ao governo esclareci-
mentos a este respeito; que indague, para satisfa-
zer o publico, os motivos em que se fundou para
dispensar o corpo do baile, e para sancionar
quanta arbitrariedade tem querido commetter a
directoria?

O theatro lyrico, em quanto a arte dramatica de-
finha e morre entre nós, absorve a enorme quantia
de 120:000:000 para serem esbanjados em rescis-
sões caprichosas. Aos representantes da nação
corre o dever de informar-se d'esta enorme
quantia.

O contracto do Tamberlik é uma prova flagrante
da falta de tino da directoria. O nosso theatro não
podia hospedar um cantor de tal preço, um cantor
que vem ganhar uma quantia fabulosa, superior á
pensão de S. M. a Imperatriz, a mãe caridosa dos
desvalidos, a esmoler por excellencia: e que a final
não corresponde á expectativa.

E de mais: todos os favores para o theatro lyrico
para cantores e artistas arribados, muitos dos quaes
ostentam escandalos entre nós, em quanto que a
arte dramatica está reduzida ao mais fundo abys-
mo de deprecição; em quanto os artistas nacio-
naes vegetam uma existencia languida e apo-
quentada.

A directoria tem trancado as portas do theatro ao
Sr. João Caetano, dando-lhe apenas os domingos,
em quanto que podia conceder-lhe, ao menos mais
um dia na semana, para dar os beneficios aos ar-
tistas. O artista, que nobelita a arte, e que honra
o paiz deixam-o viver acabrunhado, e cercado de
mil difficuldades, em quanto que os desertores do
covado e vara se arvoram em arbitros dos destinos
theatraes.

O governo nem podia, nem devia autorisar a alta
dos preços: aos accionistas é que isso competia;
mas... gloria ao Deos-empenho!

E' proseguir assim: nós tambem proseguiremos
ao menos a protestar contra as prepotencias d'uma
directoria, representada n'um homem, que não
tem as habilitações para exercer as funcções de
director d'uma empresa, que por sua natureza está
desacreditada, e que é de direito e de facto bancar-
roteira irresponsavel, porque as pessoas dos direc-
tores são irresponsaveis, por quanto abuso e arbi-
trariedade tem praticado.

A. S.

A Veneziana.

No domingo ultimo a companhia dramatica do Sr. João
Caetano dos Santos deu-nos a *Veneziana*, fazendo os prin-
cipaes papeis o mesmo Sr. João Caetano e a Sra. Ludovina.
Houve uma enchente real, e o espectaculo foi honrado com
as presenças de SS. MM.

Com effeito o drama resentia-se dos embarços e acanha-
mento de uma primeira representação; mas não concorda-
mos com o Sr. S. F. em quanto diz que a sua decepção foi a
ponto de duvidar ser o Sr. João Caetano quem representava,
porque não comprehendera o homem perseguido pela fatali-
dade e pelo remorso, porque a sua phrase esteve áquem do
sentimento que espressava, porque emfim se *apresentara*
em scena sem haver decorado duas phrases do seu papel.

E' severa e injusta uma tal censura, especialmente em-
pregada por um escriptor, a quem consideramos, como o
mais justo e imparcial em critica theatral.

O character do Bravo pareceu-nos muito bem comprehen-
dido; e se essa figura magestosamente dramatica não so-
bresahio como esperavamos, a duas causas o devemos
attribuir; especialmente á causa geral, que já apontamos,
e tambem ao apuro de gosto na arte de representar, que
a reflexão, a experiencia e o genio amadurecido tem aconse-
lhado ao Sr. João Caetano.

As reminiscencias que tinhamos do Bravo crão de um ho-
mem desesperado, cheio de detonações de maldições e hor-
rores; agora aparece-nos o homem com esse mesmo deses-
pero, com esse mesmo intenso ansear entre a vingança e
o amor, entre o crime e a brandura de coração, mas revel-
lando tudo isso em phrases pungentes e sentidas, sem o
trovejar de palavras gritadas, nem as estorções epepleticas.

Convidamos o Sr. S. F. para uma segunda representação,
mesmo a reconsiderar as suas menos justas opiniões a res-
peito d'este topico, e cremos, que elle concordará com-
nosco.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.